

O SUCESSO MUNDIAL YOUNG ADULT

TAHEREH MAFI



INQUEBRÁVEL

LIVRO 2



SECRET
SOCIETY

SECRET SOCIETY

TRIGGER WARNINGS

Abuso

Armas

Confinamento forçado

Conteúdo sexual

Ideação suicida

Morte

Rapto

Tortura

Trauma

Violência

Para a minha mãe. A melhor pessoa que conheço.

UM

O mundo pode estar soalheiro hoje. A grande bola amarela pode alastrar pelas nuvens como uma grande gema de ovo malpassada, tingindo o mais azul dos céus, iluminado por esperança fria e falsas promessas sobre recordações preciosas, famílias verdadeiras, pequenos-almoços abundantes, pilhas de panquecas regadas com xarope de ácer sobre um prato, num mundo que já não existe.

Ou talvez não.

Talvez o dia esteja escuro e chuvoso, com vento tão forte que esfolta os nós dos dedos de homens adultos. Talvez neve, talvez chova. Não sei. Talvez esteja gelado, caia granizo e um furacão se transforme num tornado e a terra trema para dar espaço aos nossos erros.

Não faria ideia.

Já não tenho uma janela. Não tenho vista. O meu sangue está um milhão de graus abaixo de zero e estou sepultada a 15 metros de profundidade numa sala de treino que, ultimamente, se tornou o meu segundo lar. Todos os dias olho para estas 4 paredes e recordo-me a mim mesma que *não estou presa não estou presa não estou presa*, mas, às vezes, os velhos medos arripam-me a pele e não consigo libertar-me da claustrofobia que me aperta a garganta.

Fiz tantas promessas quando aqui cheguei.

Agora, já não tenho certezas. Agora, sinto-me preocupada. Agora, a minha mente é uma traidora porque os meus pensamentos



saem da cama todas as manhãs com olhos inquietos, mãos suadas e risos nervosos que se sentam no meu peito, se acumulam no meu peito, ameaçam romper-me o peito, com uma pressão que aumenta e aumenta e *aumenta*.

A vida por aqui não é o que esperava que fosse.

O meu novo mundo está traçado a latão e selado a prata, abafando os odores a pedra e aço. O ar é gélido, os tapetes são cor de laranja, as luzes e interruptores apitam, acendem e apagam, eletrónicas e elétricas, intensas como néones. As coisas estão movimentadas por aqui, cheias de corpos, cheias de paredes, abarrotando de sussurros e gritos, pés pesados e passos cautelosos. Se ouvir com atenção, consigo ouvir os sons de cérebros a funcionar, de testas franzidas, de dedos batendo em queixos e de sobrolhos pesados. Ideias são transportadas em bolsos, pensamentos equilibram-se nas pontas de cada língua. Olhos semicerram-se em concentração, elaborando minuciosamente planos pelos quais me devia interessar.

Mas nada funciona e todas as minhas partes estão partidas.

Devo canalizar a minha Energia, disse o Castle. Os nossos dons são formas diferentes de Energia. A matéria nunca é criada ou destruída, disse-me, e, enquanto o nosso mundo mudava, o mesmo se aplicava à Energia nele contida. Os nossos dons são tirados do universo, de outra matéria, de outras Energias. Não somos anomalias. Somos inevitabilidades das manipulações perversas da nossa Terra. A nossa Energia veio de algures, disse ele. E esse algures fica no caos que nos rodeia a todos.

Faz sentido. Lembro-me de como era o mundo quando o deixei para trás.

Lembro-me dos céus furiosos e a sequência de anoiteceres desabando sob a lua. Lembro a terra rachada, os arbustos espinhosos e as ervas outrora verdes que se aproximavam do castanho. Penso na água que não podemos beber, nos pássaros que não voam e na



forma como a civilização humana ficou limitada a uma série de complexos dispersos no que resta da nossa terra devastada.

Este planeta é um osso partido que nunca sarou, cem fragmentos de cristal colados. Fomos estilhaçados e reconstruídos. Disseram-nos que nos esforçássemos todos os dias para fingir que ainda funcionamos como devemos. Mas é uma mentira, é tudo uma mentira.

Eu não funciono como deveria.

Sou apenas a consequência da catástrofe.

2 semanas desabaram na berma da estrada, abandonadas e já esquecidas. Estou aqui há 2 semanas e, em 2 semanas, instalei-me numa cama de cascas de ovo, tentando imaginar quando algo irá quebrar, em que momento serei a primeira a fazê-lo, pensando quando tudo se desmoronará. Em 2 semanas, deveria ter sido mais feliz, mais saudável, dormindo melhor e mais profundamente neste espaço seguro. Em vez de me preocupar com o que acontecerá ~~quando~~ se não conseguir fazer isto bem, se não perceber como treinar da melhor forma, se magoar alguém ~~de propósito~~ por acidente.

Preparamo-nos para uma guerra maldita.

É por isso que treino. Todos tentamos preparar-nos para derubar o Warner e os seus homens. Para vencer uma batalha de cada vez. Para mostrar aos cidadãos do nosso mundo que ainda há esperança... que não têm de aceitar as exigências do Restabelecimento, tornando-se escravos de um regime que quer apenas explorá-los para aumentar o seu poder. E aceitei lutar. Ser uma guerreira. Usar o meu poder mesmo quando isso for contra os meus princípios. Mas pensar em encostar uma mão a alguém invoca um mundo de memórias e sensações, uma descarga de poder que sinto apenas quando estabeleço contacto com pele que não é imune à minha. É uma sensação de invencibilidade, um tipo de euforia atormentado, uma onda de intensidade preenchendo cada



poro do meu corpo. Não sei o que me fará. Não sei se posso confiar em mim para não sentir prazer com a dor de outra pessoa.

Tudo o que sei é que as últimas palavras do Warner estão presas no meu peito e não consigo expulsar o frio ou a verdade que me cortam ao fundo da garganta.

O Adam não imagina que o Warner consegue tocar-me.

Ninguém imagina.

O Warner devia estar morto. O Warner devia estar morto porque eu devia ter-lhe dado um tiro, mas ninguém pensou que precisaria de saber disparar uma arma e, agora, acho que veio atrás de mim.

Veio para lutar.

Por mim.



DOIS

Uma batida brusca e a porta abre-se de rompante.
— Ah, Menina Ferrars. Não sei o que espera conseguir sentada no canto. — O sorriso fácil do Castle entra na sala a dançar antes dele.

Inspiro fundo e tento forçar-me a olhar para ele, mas não consigo. Em vez disso, sussurro um pedido de desculpa e ouço o som patético das minhas palavras naquela sala grande. Sinto os dedos trémulos cingirem os tapetes grossos e acolchoados abertos no chão e penso que não consegui nada desde que ali cheguei. É humilhante, tão humilhante desiludir uma das únicas pessoas que alguma vez foi amável comigo.

O Castle ergue-se mesmo à minha frente e espera até que eu olhe finalmente para cima.

— Não precisa de pedir desculpa — diz. Os seus olhos castanho-vivos e o sorriso amistoso tornam fácil esquecer que é o líder do Ponto Ómega. De todo aquele movimento clandestino dedicado a lutar contra O Restabelecimento. A sua voz é gentil demais, amável demais, e isso é quase pior. ~~Às vezes, gostava que me gritasse.~~ — Mas — continua — tem de aprender a canalizar a sua Energia, menina Ferrars.

Uma pausa.

Um momento suspenso.

As mãos dele repousam sobre a pilha de tijolos que devia ter destruído. Finge não notar nos meus olhos vermelhos ou nos



tubos de metal que atirei para o outro lado da sala. O seu olhar evita com cuidado as manchas de sangue nas tábuas postas ao lado. Não me pergunta porque tenho os punhos tão fechados e se voltei a magoar-me. Inclina a cabeça na minha direção, mas olha fixamente um ponto atrás de mim, e a sua voz é delicada quando fala.

— Sei que isto é difícil para si — diz. — Mas deve aprender. Deve mesmo. A sua vida dependerá disso.

Aceno que sim, encosto-me à parede, acolho o frio, a dor e os tijolos cravando-se na minha espinha. Puxo os joelhos contra o peito e sinto os meus pés pressionarem os tapetes de proteção que cobrem o chão. Estou tão perto das lágrimas que temo gritar.

— Não sei como — acabo por lhe dizer. — Não sei nada disto. Nem sequer sei o que devo fazer. — Olho para o teto e pestanejo pestanejo. Sinto os olhos brilhantes e húmidos. — Não sei como fazer as coisas acontecerem.

— Então tem de pensar — diz o Castle, nada convencido. Ergue um tubo de metal abandonado. Sente-lhe o peso nas mãos. — Tem de encontrar ligações entre coisas que aconteceram. Quando destruí o betão na câmara de tortura do Warner, quando abri um buraco a murro na porta de aço para salvar o Sr. Kent... que aconteceu? Porque consegui nessas duas ocasiões reagir de forma tão extraordinária? — Senta-se a alguns metros de mim. Empurra o tubo na minha direção. — Preciso que analise os seus dons, menina Ferrars. Tem de se focar.

Focar.

É uma palavra, mas chega. Chega para me agoniar. Parece que todos precisam que me foque. Primeiro, o Warner precisava que me focasse e, agora, o Castle precisa que me foque.

Nunca consegui fazê-lo.

O suspiro profundo e triste do Castle puxa-me para o presente. Levanta-se. Alisa o casaco azul-marinho que parece ser o único que tem e vislumbro o ómega prateado bordado nas costas. A sua



mão distraída toca a ponta do seu rabo de cavalo. Ata sempre as rastas com um nó firme na base do pescoço.

— Resiste a si mesma — diz, mesmo que o diga com gentileza. — Talvez devesse trabalhar com outra pessoa para variar. Talvez um parceiro a ajude a perceber as coisas... a descobrir a ligação entre esses dois acontecimentos.

Os meus ombros enrijecem com a surpresa.

— Pensei que tivesse dito que precisava de trabalhar sozinha.

Fixa os olhos semicerrados num ponto atrás de mim. Coça por baixo da orelha e enfia a outra mão num bolso.

— Não queria realmente que trabalhasse sozinha — diz. — Mas ninguém se ofereceu para a tarefa.

Não sei porque sustenho a respiração ou porque estou tão surpreendida. Nem todos são o Adam.

Nem todos estão seguros comigo. Ninguém além do Adam me tocou e gostou de o fazer. ~~Exceto o Warner.~~ Mas, apesar das suas boas intenções, não pode treinar comigo. Está ocupado com outras coisas.

Coisas que ninguém me quer contar.

Mas o Castle fita-me com olhos esperançosos, olhos generosos, olhos que não percebem que estas novas palavras que me disse são muito piores. Piores porque, mesmo que saiba a verdade, ainda me magoa ouvi-la. Magoa recordar que, mesmo que viva numa bolha confortável com o Adam, o resto do mundo ainda me vê como uma ameaça. Um monstro. Uma aberração.

~~O Warner tinha razão. Onde quer que vá, não conseguirei fugir daquilo.~~

— Que mudou? — pergunto-lhe. — Quem está disposto a treinar-me agora? — Hesito. — Você?

O Castle sorri.

É o tipo de sorriso que me faz corar de vergonha pelo pescoço acima e me trespassa o orgulho através das vértebras. Resisto ao impulso de correr pela porta fora.



~~Por favor por favor por favor não tenhas pena de mim, é o que quero dizer.~~

— Gostava de ter tempo — diz-me o Castle. — Mas o Kenji está finalmente livre... Conseguimos reorganizar-lhe o horário... e disse que teria muito gosto em trabalhar consigo. — Um momento de hesitação. — Se não se importar, claro.

O Kenji.

Quero rir-me. O Kenji *seria* o único disposto a arriscar trabalhar comigo. Feri-o uma vez. Por acidente. Mas ele e eu não passámos muito tempo juntos desde que comandou a nossa expedição até ao Ponto Ómega. Foi como se cumprisse apenas uma tarefa, executando uma missão. Depois, voltou à sua vida. Aparentemente, o Kenji é importante por aqui. Tem um milhão de coisas para fazer. Coisas para regular. As pessoas parecem gostar dele. Parecem até respeitá-lo.

Penso se alguma vez terão conhecido o Kenji irritante e asneirento que era quando o conheci.

— Claro — digo ao Castle, ensaiando uma expressão de agrado pela primeira vez desde a minha chegada. — Parece ótimo.

O Castle levanta-se. Os seus olhos estão brilhantes, ávidos, facilmente agradados.

— Perfeito. Vou dizer-lhe que vá ter consigo ao pequeno-almoço amanhã. Podem comer juntos e partir daí.

— Oh, mas normalmente eu...

— Eu sei. — O Castle interrompe-me. O seu sorriso forma uma linha tensa e tem a testa franzida com preocupação. — Gosta de comer com o Sr. Kent. Sei isso. Mas mal passou tempo com os outros, menina Ferrars, e, para ficar aqui, precisa de começar a confiar em nós. A gente do Ponto Ómega sente-se próxima do Kenji, e a vossa ligação pode ser uma garantia de que podem confiar em si. Se todos vos virem a passar tempo juntos, sentir-se-ão menos intimidados pela sua presença. Isso vai ajudá-la a ajustar-se.



Senti o calor alastrar-se pela minha cara como óleo quente. Estremeço, sinto os dedos palpitem e tento encontrar um sítio para onde olhar, para tentar fingir que não sinto a dor no meu peito.

— Eles... eles têm medo de mim — digo-lhe, sussurro, com a voz tornando-se inaudível. — Não... não quero incomodar ninguém. Não queria atrapalhar...

O Castle suspira, de forma longa e sonora. Olha para baixo e para cima e coça a pele macia por baixo do queixo.

— Têm medo — diz, finalmente — porque não a conhecem. Se se esforçar um pouco mais... se fizesse um esforço mínimo para conhecer alguém... — Cala-se. Franze a testa. — Menina Ferrars, está aqui há duas semanas e mal falou com as suas companheiras de quarto.

— Mas isso não... Acho que são ótimas...

— E, mesmo assim, ignora-as? Não passa tempo com elas? Porquê?

~~Porque nunca tive amigas. Porque tenho medo de fazer alguma coisa mal, de dizer alguma coisa errada, fazendo-as odiarem-me como as outras raparigas que conheci. E gosto demasiado delas, o que tornará a sua rejeição inevitável muito mais difícil de suportar.~~

Não digo nada.

O Castle abana a cabeça.

— Saiu-se tão bem no dia em que chegou. Parecia quase *amiga* do Brendan. Não sei o que aconteceu — continua o Castle. — Pensei que se sairia bem aqui.

O Brendan. O rapaz magro com cabelo louro platinado e correntes elétricas a correrem-lhe pelas veias. Lembro-me dele. Foi simpático comigo.

— Gosto do Brendan — digo ao Castle, espantada. — Está chateado comigo?



— *Chateado?* — O Castle abana a cabeça e ri-se. Não responde à minha pergunta. — Não percebo, Sra. Ferrars. Tentei ser paciente consigo. Tentei dar-lhe tempo, mas confesso que estou bastante perplexo. Era tão diferente quando chegou... Estava entusiasmada por aqui estar! Mas demorou menos de uma semana a afastar-se por inteiro. Nem sequer olha para ninguém quando passa nos corredores. Que aconteceu à conversa? À amizade?

Sim.

Demorei 1 dia a ambientar-me. 1 dia para olhar em redor. 1 dia para me entusiasmar com uma vida diferente e 1 dia para todos descobrirem quem sou e o que fiz.

O Castle não diz nada sobre as mães que me veem a passar no corredor e puxam os filhos para longe de mim. Não refere os olhares hostis e as palavras rudes que ouvi desde que cheguei. Não diz nada sobre os miúdos que foram avisados para se manterem muito, muito longe, e sobre o punhado de velhos que me olham com demasiada atenção. Posso apenas imaginar o que ouviram e a origem das histórias que conhecem.

Juliette.

A rapariga com toque letal que rouba a força e energia a seres humanos até se tornarem carcaças frouxas e paralisadas, ofegando no chão. Que passou a maior parte da sua vida em hospitais e centros de detenção juvenil, a rapariga que foi rejeitada pelos seus próprios pais, rotulada como clinicamente louca e condenada ao isolamento num asilo onde até as ratazanas tinham medo de viver.

Uma rapariga.

Tão sedenta de poder que matou uma criança pequena. Torturou outra. Fez um homem adulto acabar de joelhos enquanto lutava para respirar. Nem sequer tem a decência de se matar.

Nada disso é mentira.

Olho para o Castle com bochechas coradas, palavras por dizer nos meus lábios e olhos que recusam revelar os seus segredos.



Suspira.

Quase diz alguma coisa. Tenta falar, mas os seus olhos examinam-me a expressão e muda de ideias. Limita-se a acenar depressa com a cabeça, inspirando fundo, tocando no relógio e dizendo:

— Três horas até ao apagar das luzes. — E vira-se para partir.
Para na porta.

— Menina Ferrars — diz de repente, em voz baixa, sem se virar. — Escolheu ficar connosco, lutar connosco e tornar-se um membro do Ponto Ómega. — Uma pausa. — Vamos precisar da sua ajuda. E receio que o nosso tempo se esgote.

Vejo-o partir.

Ouçõ os seus passos afastarem-se e encosto a cabeça à parede. Olho para o teto e fecho os olhos. Ouçõ a sua voz, solene e firme, ecoando-me nos ouvidos.

Receio que o nosso tempo se esgote, disse ele.

Como se o tempo fosse uma coisa que pudesse acabar-se, como se nos fossem distribuídas malgas de tempo quando nascemos e, se comêssemos rápido demais ou imediatamente antes de saltarmos para a água, perderíamos o nosso tempo, seria desperdiçado, esgotado.

Mas o tempo ultrapassa a nossa compreensão finita. É interminável, existe fora de nós. Não podemos esgotá-lo, perdê-lo ou encontrar uma forma de o conservar. O tempo segue em frente, mesmo que nós não sigamos.

Temos bastante tempo, era o que o Castle devia ter dito.

Temos todo o tempo do mundo, era o que me devia ter dito. Mas não o fez, porque o que queria dizer *tiquetaque* era que o nosso tempo *tiquetaque* progride. Corre com vertigem numa direção nova, chocando de cara com outra coisa e

tique

tique



tique

tique

tique

está quase a chegar

o tempo da guerra.



TRÊS

Consequiria tocá-lo daqui.
Os seus olhos, azul-profundo. O seu cabelo, castanho-escuro. A sua camisa, demasiado apertada nos sítios certos, e os seus lábios, os seus lábios expandem-se para ligar o interruptor que ateia o fogo no meu coração, e nem sequer tenho tempo para pestanejar e expirar antes de ficar presa nos braços dele.

Adam.

— Olá — sussurra contra o meu pescoço.

Contenho um arrepio enquanto o sangue acelera para me corar as bochechas e, por um momento, só naquele momento, deixo de conseguir suportar os ossos e permito que seja ele a manter-me erguida.

— Olá. — Sorrio, inspirando o seu cheiro.

Luxuriante. É isso o que é.

Raramente nos vemos sozinhos. O Adam dorme no quarto do Kenji com o seu irmão mais novo, o James, e eu durmo com as gémeas curandeiras. É provável que tenhamos menos de 20 minutos antes de as raparigas voltarem para aquele quarto e pretendo aproveitar da melhor maneira aquela oportunidade.

Fecho os olhos.

O braço do Adam envolve-me a cintura, puxando-me mais para ele, e o prazer é tão tremendo que mal consigo impedir-me de tremer. É como se a minha pele e os meus ossos tivessem ansiado



pelo contacto, por afeto caloroso, por interação humana durante tantos anos que já não consigo controlar-me. Sou uma criança faminta que tenta encher a barriga, inundando os sentidos com a abundância daqueles momentos como se acordasse de manhã e descobrisse que continuo a varrer cinza para a minha madrasta.

Mas, a seguir, os lábios do Adam pressionam-se contra a minha cabeça e as minhas preocupações cobrem-se com um vestido fino e fingem estar noutro sítio durante algum tempo.

— Como estás? — pergunto, e é tão embaraçoso que as minhas palavras saiam tão instáveis logo que me abraça, mas não consigo forçar-me a recuar.

O riso abala-lhe as formas do corpo, macio, abundante e indulgente. Mas não responde à minha pergunta e sei que não o fará.

Tentámos tantas vezes afastar-nos juntos, sendo apanhados e repreendidos pela nossa negligência. Não podemos sair dos nossos quartos depois de apagarem as luzes. Depois de acabar o nosso período de graça, uma tolerância concedida pela nossa chegada muito abrupta, o Adam e eu tivemos de seguir as regras, como toda a gente. E há muitas regras a seguir.

Estas medidas de segurança (câmaras por toda a parte, depois de cada esquina, em cada corredor) existem para nos prepararem para um possível ataque. Guardas patrulham à noite, procurando atividade ou ruído suspeitos, ou indícios de alguma irregularidade. O Castle e a sua equipa mantêm-se atentos na proteção do Ponto Ómega e não estão dispostos a correr o mínimo risco. Se invasores se aproximarem demais daquele esconderijo, alguém terá de fazer o que for necessário para os manter à distância.

O Castle diz que foi precisamente esta atenção que impediu a descoberta durante tanto tempo e, sendo muito honesta, percebo o motivo da sua rigidez. Mas estas medidas rígidas mantêm-me afastada do Adam. Nunca nos vemos fora das refeições, quando estamos rodeados por outras pessoas, e qualquer tempo livre que



tenha, passo-o trancada numa sala de treino, onde devo «canalizar a minha Energia». O Adam sente-se tão insatisfeito quanto eu.

Toco-lhe na cara.

Inspira, tenso. Vira-se para mim. Diz-me demasiado com o olhar, de tal forma que tenho de olhar para longe porque o sinto com demasiada intensidade. A minha pele é demasiado sensível, despertando finalmente finalmente finalmente e palpitando com vida, vibrando com sentimentos tão intensos que é quase indecente.

Nem sequer consigo escondê-lo.

Percebe o que me faz, o que me acontece quando os seus dedos me tocam a pele, quando os seus lábios se aproximam demasiado da minha cara, quando o calor do seu corpo contra o meu força os meus olhos a fecharem-se, os membros a tremerem e os joelhos a cederem à pressão. Também vejo o que lhe faz a ele saber o efeito que tem em mim. Às vezes tortura-me, sorrindo enquanto demora demasiado a reduzir a distância que nos separa, deleitando-se com o som do meu coração palpitando contra o seu peito, com as inspirações bruscas que me esforço tanto para controlar, pela forma como engulo cem vezes imediatamente antes de se aproximar para me beijar. Nem sequer consigo olhá-lo sem voltar a viver cada momento que tivemos juntos, cada memória dos seus lábios, do seu toque, do seu cheiro, da sua pele. É demasiado para mim, demasiado, tudo tão novo, tantas sensações sublimes que nunca conheci, que nunca senti, a que nunca antes tive acesso.

~~Às vezes, receio que me mate.~~

Liberto-me dos braços dele. Tenho calor e frio e sinto-me instável, esperando conseguir controlar-me, esperando que ele esqueça a facilidade com que me afeta, e sei que preciso de um momento para me recompor. Cambaleio enquanto recuo. Cubro a cara com as mãos e tento pensar em alguma coisa para dizer, mas



tudo treme e apanho-o a olhar para mim, a olhar como se pudesse inalar-me inteira com uma única inspiração.

Não é a palavra que penso ouvi-lo sussurrar.

Tudo o que conheço a seguir são os braços dele, o timbre desesperado da sua voz quando diz o meu nome e desfaço-me nos seus braços. Estou abalada e caio e não faço qualquer esforço para controlar os tremores nos meus ossos e ele é tão quente a sua pele está tão quente e já nem sequer sei onde estou.

A sua mão direita desliza pela minha espinha acima e puxa o fecho que mantém o meu fato no sítio até ficar a meio das minhas costas e deixo de me importar. Tenho 17 anos para compensar e quero sentir tudo. Não me interessa esperar e arriscar o desconhecido, as possibilidades e os enormes arrependimentos. Quero sentir tudo porque posso acordar e descobrir que aquele fenómeno passou, que o prazo chegou, que a minha oportunidade veio e foi-se para nunca mais voltar. Que estas mãos nunca mais sentirão o calor dele.

Não posso.

Não o farei.

Nem sequer percebo. Encostei-me a ele até sentir cada contorno do seu corpo por baixo do algodão fino das suas roupas. As minhas mãos enfiam-se por baixo da sua camisola e ouço a respiração forçada. Olho para cima e vejo os olhos dele fechados com força, as suas feições numa expressão que se parece a uma dor de algum tipo e, subitamente, as suas mãos estão no meu cabelo, desesperadas, e os seus lábios estão tão próximos. Inclina-se e a gravidade deixa de o impedir e os meus pés erguem-se do chão e flutuo, voo, nada me ancora além deste furacão nos meus pulmões e deste coração que bate demasiado rápido.

Os nossos lábios

tocam-se

e sei que me vou desfazer. Beija-me como se me tivesse perdido e encontrado e lhe escapasse e nunca me soltará. Quero gritar,



às vezes. Outras, quero cair. Quero morrer sabendo que aprendi como era viver com aquele beijo, aquele coração, aquela explosão tão doce que me faz sentir como se tivesse bebido um gole de sangue, como se tivesse engolido nuvens.

Isto.

Isto faz-me doer tudo.

Afasta-se, ofegante. As suas mãos enfiam-se por baixo do tecido macio do meu fato, e está tão quente, a sua pele está tão quente que penso que já o disse mas não me lembro, e estou tão distraída que quando ele fala não consigo perceber.

Mas é alguma coisa.

Palavras, graves e roucas no meu ouvido, mas ouço pouco mais que uma frase incompreensível, consoantes e vogais e sílabas fraturadas todas misturadas. Os batimentos do seu coração trovejam-lhe através do peito e penetram no meu. Os seus dedos traçam mensagens secretas no meu corpo. As mãos dele deslizam sob o tecido suave e acetinado deste fato, deslizando pelo interior das minhas coxas, pela parte detrás dos meus joelhos e subindo, subindo, e penso se será possível desmaiar e continuar consciente ao mesmo tempo, e aposto que é isto que acontece a quem hiperventila, até que ele me puxa para trás. As suas costas chocam contra a parede. Segura-me as ancas com firmeza. Puxa-me com força contra o seu corpo.

Gemo.

Os seus lábios estão no meu pescoço. As suas pestanas fazem cócegas na pele por baixo do meu queixo e diz alguma coisa, alguma coisa que parece o meu nome e beija-me a clavícula num sentido e no outro, beija-me o ombro, e os seus lábios, os seus lábios e as suas mãos e os seus lábios procuram as curvas e declives do meu corpo e o seu peito sobe e desce quando pragueja e para e diz *É tão bom sentir-te*

e o meu coração voou até à lua sem mim.



Adoro quando me diz aquilo. Adoro quando me diz que gosta de me sentir porque isso contraria tudo o que ouvi na minha vida inteira e gostava de poder guardar as palavras dele no meu bolso apenas para as tocar de vez em quando e recordar-me delas.

— Juliette.

Mal consigo respirar.

Mal consigo olhar para cima, olhar em frente e ver alguma coisa além da absoluta perfeição daquele momento, mas nada disso importa porque sorri. Sorri como se alguém lhe tivesse pendurado as estrelas sobre os lábios e olha-me, olha-me como se eu fosse *tudo* e quero chorar.

— Fecha os olhos — sussurra.

E confio nele.

Confio mesmo.

Os meus olhos fecham-se e beija um deles e depois o outro. A seguir, beija-me o queixo, o nariz, a testa. As bochechas. As duas têmeoras.

Cada

centímetro

do meu pescoço

e

afasta-se tão depressa que bate com a cabeça na parede áspera. Algumas palavras escapam-lhe antes de conseguir travá-las. Estou paralisada, sobressaltada e subitamente assustada.

— Que aconteceu? — sussurro e não sei o que digo. — Estás bem?

O Adam tenta não fazer uma careta, mas respira com dificuldade e olha em redor e gagueja «D-desculpa», enquanto leva uma mão à nuca.

— Foi... Acho que pensei... — Afasta o olhar. Pigarreia. — A-acho... que ouvi alguma coisa. Pensei que alguém estivesse prestes a entrar.



Claro.

O Adam não podia estar ali.

Os rapazes e as raparigas ficam em alas diferentes do Ponto Ómega. O Castle diz que é sobretudo para assegurar que as raparigas se sentem seguras e confortáveis nos seus aposentos — sobretudo porque partilhamos casas de banho —, e até nem tenho problemas com isso. Mas torna difícil encontrarmos tempo para estarmos juntos... E, durante o tempo que conseguimos encontrar, temos sempre muito medo de sermos descobertos.

O Adam encosta-se à parede e encolhe-se. Ergo a mão para lhe tocar na cabeça.

Estremece.

Paraliso.

— Estás bem...?

— Sim. — Suspira. — Quer dizer... Eu... — Abana a cabeça. — Não sei. — A voz baixa de volume. — Não sei que raio se passa comigo.

— Ei. — Roço-lhe as pontas dos dedos pelo estômago. O algodão da camisa dele ainda está quente com o calor do corpo e tenho de resistir à tentação de esconder a minha cara nele. — Não faz mal — digo-lhe. — Estavas só a ser cuidadoso.

Esboça um sorriso estranho e triste.

— Não estava a falar da minha cabeça.

Olho-o fixamente.

Abre a boca. Fecha-a. Força-se a abri-la outra vez.

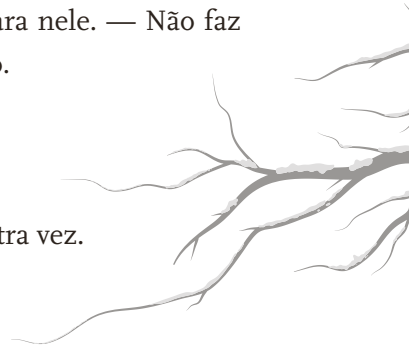
— É... isto... — Aponta-nos aos dois.

Não acaba a frase. Não me olha.

— Não percebo...

— Estou a perder a *cabeça* — diz, mas sussurra como se não tivesse a certeza se devia ou não dizê-lo em voz alta.

Olho para ele. Olho, pestanejo e atrapalho-me com palavras que não consigo dizer e não consigo encontrar e não consigo falar.



Abana a cabeça.

Segura a própria cabeça com força, parece envergonhado e esforço-me para perceber porquê. O Adam não fica envergonhado. O Adam nunca fica envergonhado.

Quando fala finalmente, a sua voz parece embargada.

— Esperei tanto tempo para estar contigo — diz. — Queria isto... Quero-te *a ti* há tanto tempo e, agora, depois de tudo...

— Adam, o que...

— Não consigo *dormir*. Não consigo dormir e estou sempre... sempre a pensar em ti e não consigo... — Para. Pressiona as mãos contra a testa. Fecha os olhos com força. Vira-se para a parede para não conseguir ver-lhe a cara. — Devias saber... tens de saber — diz, forçando as palavras e parecendo esgotado pelo esforço — que nunca quis nada como te quis a ti. Nada. Porque isto... isto... bolas, *quero-te* tanto, Juliette. Quero... quero...

As suas palavras vacilam enquanto se vira para mim, com olhos demasiado brilhantes e a emoção corando-lhe as bochechas. O seu olhar demora-se nas linhas do meu corpo durante tempo suficiente para acender um fósforo no combustível de isqueiro que me corre nas veias.

Acendo-me.

Quero dizer alguma coisa, alguma coisa certa e firme e tranquilizante. Quero dizer-lhe que compreendo, que quero a mesma coisa, que também o quero, mas o momento parece tão pesado e urgente que quase me convenço de que sonho. É como se tivesse esgotado todas as palavras, todas as letras que conhecia, restando-me apenas zês e quês, e recordo-me de repente que alguém tinha inventado um dicionário quando ele finalmente afasta os olhos de mim.

Engole em seco, com força, mantendo os olhos baixos. Volta a afastar o olhar. Uma das suas mãos está presa no cabelo e a outra fecha-se num punho contra a parede.



— Não fazes ideia — diz, rouco — do que me fazes. Do que me fazes sentir. Quando me *tocas*... — Passa uma mão trémula pela cara. Quase se ri, mas a sua respiração é forçada e irregular. Não me olha nos olhos. Recua um passo e pragueja entredentes. Encosta o punho à testa. — Bolas. Que raio digo eu? Merda. *Merda*. Desculpa... esquece isto... esquece tudo o que disse... É melhor ir...

Tento impedi-lo, tento encontrar a minha voz, tento dizer que está tudo bem, que não faz mal, mas fiquei nervosa, tão nervosa, tão confusa, porque nada daquilo faz sentido. Não percebo o que acontece ou porque parece tão inseguro a meu respeito a nosso respeito a respeito de nós, a respeito de mim e dele e todos esses pronomes juntos. Não o rejeito. Nunca o rejeitei. Os meus sentimentos por ele foram sempre tão claros... Não tem motivos para se sentir inseguro a meu respeito ou perto de mim e não sei porque olha para mim como se houvesse algum *problema*...

— Sinto muito — diz ele. — Eu... não devia ter dito nada. Estou só... Eu... *Merda*. Não devia ter vindo. É melhor ir... Tenho de ir...

— O que foi? Adam, o que aconteceu? De que falas?

— Isto foi má ideia — diz ele. — Sou tão estúpido... Nem sequer devia ter vindo aqui...

— *Não* és estúpido... Não faz mal... Está tudo bem...

Ri-se alto, mas o riso é forçado. O eco de um sorriso desconfortável permanece na sua cara enquanto para, fitando um ponto diretamente atrás da minha cabeça. Não diz nada durante muito tempo até dizer finalmente.

— Bom — começa. Tenta parecer animado. — Não é isso o que o Castle pensa.

— O quê? — sussurro, surpreendida. Sei que já não estamos a falar da nossa relação.

— Sim. — Tem as mãos enfiadas nos bolsos.



— Não.

O Adam acena com a cabeça. Encolhe os ombros. Olha para mim antes de afastar o olhar.

— Não sei. Acho que sim.

— Mas os testes... quer dizer... — Não consigo parar de abanar a cabeça. — Descobriu alguma coisa?

O Adam recusa olhar para mim.

— Meu Deus — digo e sussurro, como se um sussurro tornasse aquilo mais fácil. — Então é verdade? O Castle tem razão? — A minha voz fica mais aguda e os meus músculos começam a contrair-se e não percebo porque se parece com medo aquela sensação que me sobe pelas costas. Não devia ter medo de o Adam ter um dom como eu. Devia ter antecipado que não seria assim tão fácil, tão simples. Aquela tinha sido a teoria do Castle desde o início... Achava que o Adam conseguia tocar-me porque também tinha algum tipo de Energia que o permitia. O Castle nunca acreditou que a imunidade do Adam ao meu dom fosse uma feliz coincidência. Pensava que tinha de ser mais que isso, mais científico que isso, mais específico que isso. ~~Sempre quis acreditar que era só porque tive sorte.~~

E o Adam queria saber. Estava entusiasmado por descobrir, na verdade.

Mas, depois de começar a fazer testes com o Castle, deixou de querer falar no assunto. Partilhava comigo apenas as atualizações mais simples. A excitação da experiência dissipou-se nele depressa demais.

Algo estava errado.

Algo estava *errado*.

~~Claro que sim.~~

— Não sabemos nada de definitivo — diz-me o Adam, mas percebo que não diz tudo. — Tenho de fazer mais umas sessões... O Castle diz que há mais umas coisas que precisa de... examinar.



Não me escapa a forma mecânica como o Adam me transmite aquela informação. Algo não está bem e custa-me acreditar que não tenha reparado nos indícios até ali. Apercebo-me de que não quis reparar. Não quis admitir a mim mesma que o Adam parece mais exausto, mais tenso do que alguma vez o vi. A ansiedade instalou-se sobre os seus ombros.

— Adam...

— Não te preocupes comigo. — As palavras dele não são severas, mas há uma urgência no tom que não consigo ignorar, e puxa-me para um abraço sem me dar tempo para falar. Os dedos dele puxam-me o fecho do fato. — Estou ótimo — diz-me. — A sério. Só quero que saibas que estou bem. Se tu estiveres bem aqui, eu também estou. Tudo está ótimo. — A sua voz vacila. — Está bem? Tudo vai ficar ótimo. — O sorriso trémulo na cara dele faz a minha pulsação esquecer que tinha um trabalho para fazer.

— Está bem. — Demoro um momento a conseguir falar. — Sim, claro, mas...

A porta abre-se e a Sonya e a Sara param de repente enquanto entram no quarto, fixando os olhos nos nossos corpos unidos.

— Oh! — diz a Sara.

— Humm. — A Sonya olha para o chão.

O Adam pragueja entredentes.

— Podemos voltar mais tarde... — dizem as gémeas ao mesmo tempo.

Preparam-se para sair pela porta quando as impeço. Não quero expulsá-las do seu próprio quarto.

Peço-lhes que não saiam.

Perguntam-me se tenho a certeza.

Basta-me um único olhar à cara do Adam para saber que me vou arrepender de desperdiçar um minuto que seja do nosso tempo juntos, mas também sei que não posso aproveitar-me das minhas companheiras de quarto. Aquele era o seu espaço pessoal



e estava quase na hora de apagar as luzes. Não podem vaguear pelos corredores.

O Adam já não olha para mim, mas também não me solta. Inclino-me para diante e dou-lhe um beijo delicado no peito, sobre o coração. Os seus olhos encontram finalmente os meus. Esboça-me um sorriso pequeno e magoado.

— Amo-te — digo-lhe em voz baixa para que só ele consiga ouvir-me.

A sua respiração volta a ficar-lhe presa na garganta. Sussurra:

— Não fazes ideia. — E afasta-se. Dá uma volta completa e sai pela porta.

Sinto o coração palpitar na garganta.

As raparigas olham fixamente para mim. Preocupadas.

A Sonya está prestes a falar, mas então

uma mudança

um estalido

um tremeluzir

e as luzes apagam-se.



QUATRO

Os sonhos voltaram.

Deixaram-me durante algum tempo, pouco depois de ficar presa na base com o Warner. Pensei que tinha perdido o pássaro, o pássaro branco, o pássaro com riscas douradas como uma coroa no alto da cabeça. Costumava encontrar-se comigo nos meus sonhos, com um voo forte e regular, pairando sobre o mundo como se soubesse muito bem o que fazia, como se tivesse segredos de que nunca desconfiaríamos, como se me conduzisse para um sítio seguro. Era a minha única esperança na escuridão cruel do asilo, até ao momento em que conheci o seu gémeo tatuado no peito do Adam.

Era como se tivesse voado diretamente dos meus sonhos para se pousar no peito dele. Pensei que fosse um sinal, uma mensagem para me transmitir que estava finalmente segura. Que tinha voado para longe, encontrando finalmente paz, um abrigo.

Não esperei voltar a ver o pássaro.

Mas, naquele momento, voltou e tem exatamente o mesmo aspeto. É o mesmo pássaro branco no mesmo céu azul com a mesma coroa amarela. Só que, desta vez, está paralisado. Bate as asas sem sair do sítio, como se estivesse preso numa gaiola invisível, como se estivesse destinado a repetir o mesmo movimento para sempre. O pássaro *parece* voar. Está no ar. As suas asas funcionam. Parece livre para voar pelos céus fora. Mas está preso.



Incapaz de voar para cima.

Incapaz de cair.

Tive o mesmo sonho todas as noites durante a última semana e, nessas 7 manhãs, acordei a tremer com o ar gelado, tentando acalmar a palpitação no meu peito.

Esforçando-me para perceber o que aquilo significava.

Saio da cama e visto o mesmo fato de todos os dias. A única peça de roupa que continua a ser minha. É de um roxo muito intenso, tão escuro que é quase preto. Tem um brilho ligeiro, um tremeluzir da luz. É uma peça única, do pescoço aos pulsos e aos tornozelos, e é justo sem ser apertado.

Mexo-me como uma ginasta com aquele fato.

Tenho botas de couro flexível pelo tornozelo que moldam a forma dos meus pés e tornam os meus pés silenciosos enquanto caminho. Tenho luvas pretas de couro que me impedem de tocar em qualquer coisa que não deva tocar. A Sonya e a Sara emprestaram-me um dos seus elásticos do cabelo e, pela primeira vez em anos, consegui afastar o cabelo da cara. Prendo-o num rabo de cavalo alto e aprendi a puxar o fecho sem ajuda de ninguém. Aquele fato fazia-me sentir extraordinária. Fazia-me sentir invencível.

Tinha sido uma prenda do Castle.

Mandou-o fazer por encomenda antes de chegar ao Ponto Ómega. Achou que talvez gostasse de ter finalmente um fato que me protegesse e aos outros, permitindo-me em simultâneo a opção de *magoar* os outros. Se quisesse. Ou se precisasse. O fato era feito de algum tipo de material especial que devia manter-me fresca no calor, e quente no frio. Até ali, tinha sido perfeito.

Até ali até ali até ali

Fui tomar o pequeno-almoço sozinha.



A Sonya e a Sara nunca estavam no quarto quando acordava. O trabalho delas na ala médica é interminável... Além de conseguirem tratar os feridos, também passam os seus dias a tentar criar antídotos e unguentos. Na única vez que conversámos, a Sonya explicou-me como algumas Energias podem esgotar-se se nos cansarmos demasiado... como podemos esgotar tanto os nossos corpos que entram em colapso. As raparigas dizem que querem conseguir criar medicamentos para usar em caso de ferimentos múltiplos que não consigam tratar ao mesmo tempo. Afinal, são só 2 pessoas. E a guerra parece iminente.

Cabeças viram-se na minha direção quando entro no refeitório.

Sou um espetáculo, uma anomalia mesmo entre anomalias. Já me devia ter habituado, depois de tantos anos. Devia ser mais dura, resistente, indiferente às opiniões dos outros.

~~Devia ser muitas coisas~~

Pestanejo para manter a visão nítida e mantenho as mãos próximas do meu corpo, fingindo que não sou capaz de estabelecer contacto visual com nada além daquele sítio, aquela pequena marca na parede a quinze metros do sítio onde estou.

Finjo que sou só um número.

Nenhuma emoção na minha cara. Lábios perfeitamente imóveis. Costas direitas, mãos abertas. Sou um robot, um fantasma movendo-se entre as multidões.

6 passos em frente. 15 mesas para passar. 42 43 44 segundos e a contagem continua.

~~Tenho medo~~

~~Tenho medo~~

~~Tenho medo~~

Sou forte.

A comida é servida apenas 3 vezes ao longo do dia: o pequeno-almoço das 7h00 às 8h00, o almoço das 12h00 às 13h00 e o jantar das 17h00 às 19h00. O jantar dura mais uma hora porque é ao



fim do dia. É a nossa recompensa pelo trabalho árduo. Mas as refeições não são um evento refinado e faustoso... a experiência é muito diferente do jantar com o Warner. Formamos uma fila longa, pegamos nas nossas malgas já cheias e dirigimo-nos para o espaço das refeições, que não é mais do que uma série de mesas retangulares dispostas em linhas paralelas pelo espaço. Nada é supérfluo e nada é desperdiçado.

Avisto o Adam na fila e dirijo-me para ele.

68 69 70 segundos e a contagem continua.

— Olá, jeitosa. — Alguma coisa volumosa atinge-me nas costas. Cai ao chão. Viro-me e a minha cara flete os 43 músculos necessários para franzir a testa antes de o ver.

Kenji.

Sorriso largo e fácil. Olhos cor de ónix. Cabelo ainda mais escuro, liso, cobrindo-lhe os olhos. O seu maxilar palpita, os lábios contorcem-se e os vincos impressionantes nas suas bochechas enquadram um sorriso que mantém suprimido com grande custo. Olha-me como se tivesse andado por ali com papel higiénico no cabelo e não consigo evitar pensar porque não passei tempo com ele desde que ali chegámos. Num nível puramente técnico, ele salvou a minha vida. E também a vida do Adam. E do James.

O Kenji dobra-se para apanhar o que parece ser uma bola de meias. Sente-lhe o peso na mão como se ponderasse voltar a atirar-ma.

— Aonde vais? — pergunta. — Pensei que devesse encontrar-te comigo aqui? O Castle disse...

— Porque é que trouxeste um par de meias para aqui? — interrompi-o. — As pessoas tentam comer.

Fica imóvel apenas por uma fração de segundo antes de revirar os olhos. Alcança-me. Puxa-me o rabo de cavalo.

— Estava atrasado para me encontrar *contigo*, alteza. Não tive tempo para calçar as meias. — Gesticula com as meias na mão e aponta para as botas nos pés.



— Tão nojento.

— Sabes, tens uma forma muito estranha de me dizer que te sentes atraída por mim.

Abano a cabeça, tentando suprimir a diversão. O Kenji era um paradoxo ambulante de Pessoa Inabalavelmente Séria misturada com Rapaz de 12 Anos a Atravessar a Puberdade. Mas tinha-me esquecido de como era mais fácil respirar junto dele. Parece natural rir quando ele está por perto. Por isso, continuo a caminhar e tenho o cuidado de não dizer uma palavra, mas um sorriso não para de me forçar os lábios enquanto pego num tabuleiro e me dirijo para o coração da cozinha.

O Kenji vem meio passo atrás de mim.

— Portanto. Trabalhamos juntos hoje.

— Sim.

— E... passas por mim sem dizer nada? Nem sequer olá? — Aperta as meias contra o peito. — Estou devastado. Até guardei uma mesa para nós e tudo.

Olho-o. Continuo a andar.

Alcança-me.

— A sério. Sabes como é estranho acenar a alguém que nos ignora? Depois, começo a olhar em redor como um parvo, tentando dizer «a sério, juro que conheço aquela rapariga» e ninguém acredita em t...

— Estás a brincar? — Paro no meio da cozinha. Viro-me. Tenho uma máscara de incredulidade na cara. — Falaste-me *uma* vez, no máximo, nas duas semanas que passei aqui. Quase já não reparo em ti.

— Está bem. Espera — diz, posicionando-se para me bloquear o caminho. — *Ambos* sabemos que é impossível que não tenhas reparado *nisto* tudo... — Aponta para si. — Se tentas fazer joguinhos comigo, aviso que não vai funcionar.

— O quê? — Olho para ele com a testa franzida. — Que estás para aí a di...



— Não te podes fazer de difícil, miúda. — Arqueia uma sobrancelha. — Nem sequer te posso *tocar*. Isso leva o «ser difícil» a um novo nível, percebes?

— Meu Deus — murmuro, fechando os olhos e abanando a cabeça. — És *doido*.

Ele cai de joelhos.

— Doido pelo teu doce, doce amor!

— *Kenji!* — Não consigo parar de olhar para ele porque tenho medo de olhar em redor, mas quero desesperadamente que pare de falar. Quero estar sempre na ponta oposta de uma sala. Sei que brinca, mas posso ser a única a sabê-lo.

— O quê? — diz, com voz que ecoa pelo refeitório. — O meu amor envergonha-te?

— Por favor... *por favor*... levanta-te... e fala *baixo*...

— Nem pensar.

— Porque não? — suplico.

— Porque, se falar mais baixo, não vou conseguir ouvir-me a falar. E isso — diz — é a minha parte preferida.

Nem sequer consigo olhar para ele.

— Não me contraries, Juliette. Sou um homem sozinho.

— Qual é o *teu* problema?

— Partes-me o coração. — Fala ainda mais alto e os seus braços fazem gestos tristes e largos que quase me atingem enquanto recuo, em pânico. Depois, percebo que todos olham para ele.

Divertidos.

Consigo um sorriso atrapalhado enquanto olho em redor e surpreende-me descobrir que já ninguém olha para mim. Todos sorriem, claramente habituados às parvoíces do Kenji, fitando-o com uma mistura de adoração e outra coisa qualquer.

O Adam também olha. Está de pé com o tabuleiro nas mãos. Tem a cabeça inclinada e os olhos confusos. Força um sorriso quando os nossos olhares se encontram.



Dirijo-me para ele.

— Ei. Espera aí, miúda. — O Kenji levanta-se para me segurar o braço. — Sabes que estava só a brincar cont... — Segue o meu olhar até ao Adam. Bate com uma mão na testa. — *Claro!* Como me pude esquecer? Estás apaixonada pelo meu companheiro de quarto.

Viro-me para ele.

— Ouve. Fico grata por me ajudares a treinar. A sério que sim. Obrigada por isso. Mas não podes andar por aí a proclamar o teu amor a fingir por mim... Especialmente à frente do Adam... E tens de me deixar atravessar o refeitório antes do fim da hora do pequeno-almoço, está bem? Mal tenho tempo para o ver.

O Kenji acena muito devagar com a cabeça e parece um pouco solene.

— Tens razão. Desculpa. Percebo.

— Obrigada.

— O Adam tem ciúmes do nosso amor.

— Vai buscar a comida! — Empurro-o, esforçando-me para conter um riso exasperado.

O Kenji é uma das únicas pessoas aqui — exceto o Adam, claro — que não tem medo de me tocar. Na verdade, ninguém tem motivo para ter medo quando visto o fato, mas costumo tirar as luvas quando como e a minha reputação precede-me. As pessoas mantêm a distância. E, mesmo que tenha atacado o Kenji por acidente, uma vez, ele não tem medo. Acho que só uma enorme calamidade conseguiria abatê-lo.

Admiro isso nele.

O Adam não diz grande coisa quando ficamos juntos. Não precisa de dizer mais do que «olá», porque os seus lábios se erguem de um lado e consigo vê-lo um pouco mais direito, um pouco mais rígido, um pouco mais tenso. E não sei grande coisa sobre o mundo, mas sei ler o livro escrito nos olhos dele.



A forma como olha para mim.

O seu olhar está duro de uma forma que me preocupa, mas continua tão terno, tão focado e cheio de sentimento que mal consigo evitar lançar-me nos seus braços quando estou perto dele. Dou por mim a observá-lo enquanto faz as coisas mais simples (ajustando a postura, pegando num tabuleiro, acenando para dizer bom dia a alguém) apenas para seguir o movimento do seu corpo. Os momentos que passo com ele são tão poucos que sinto sempre o peito apertado e o coração demasiado frenético. Faz-me sempre querer esquecer o pragmatismo.

Nunca me solta a mão.

— Estás bem? — pergunto-lhe, sentindo-me ainda um pouco apreensiva acerca da noite anterior.

Acena afirmativamente. Tenta sorrir.

— Sim. Eu... humm... — Pigarreia. Inspira fundo. Afasta o olhar. — Sim, desculpa a noite passada. Eu... passei-me um bocado.

— Mas porquê?

Olha por cima do meu ombro. Franze a testa.

— Adam...?

— Sim?

— Porque te passaste?

Os seus olhos voltam a fixar-se nos meus. Arregalados. Muito redondos.

— O quê? Nada.

— Não perceb...

— Por que raio demoram tanto?

Viro-me. O Kenji está atrás de mim, com tanta comida empilhada no tabuleiro que me surpreende que ninguém tenha dito nada. Deve ter convencido os cozinheiros a reforçarem-lhe a dose.

— Então? — O Kenji olha fixamente, sem pestanejar, esperando que respondamos. Por fim, inclina a cabeça para trás num movimento que diz *segue-me*, antes de se afastar.



O Adam expira e parece tão distraído que decido não insistir nos acontecimentos da noite passada. Em breve. Falaremos em breve. De certeza que não será nada. Absolutamente nada.

Falaremos em breve e tudo ficará bem.



CINCO

O Kenji espera-nos numa mesa vazia. O James costumava juntar-se a nós para comer, mas tornou-se amigo do grupinho de miúdos mais novos do Ponto Ómega e prefere sentar-se com eles. De todos nós, parece ser o mais feliz por estar ali (e fico feliz por ele estar feliz), mas tenho de admitir que tenho saudades da companhia dele. E receio falar nisso. Às vezes, não sei se quero saber por que razão não passa tempo com o Adam quando estou por perto. ~~Acho que não quero saber se os outros miúdos conseguiram convencê-lo de que sou perigosa. Quer dizer, sou *mesmo* perigosa, mas~~

O Adam senta-se no banco e deslizo ao lado dele. O Kenji senta-se à nossa frente. O Adam e eu escondemos as mãos dadas por baixo da mesa e permito-me desfrutar do conforto simples da sua proximidade. Mantenho as luvas calçadas, mas estar assim tão perto dele basta. Flores abrem no meu estômago, com as pétalas macias fazendo cócegas em cada centímetro do meu sistema nervoso. É como se me tivessem sido concedidos 3 desejos: tocar, provar, sentir. É um fenómeno muito estranho. Uma impossibilidade feliz e tresloucada embrulhada com um laço e guardada no meu coração.

~~Muitas vezes, parece um privilégio que não mereço.~~

O Adam move-se para encostar a perna à minha.

Ergo o olhar e vejo que me sorri. É um sorriso pequeno e secreto que diz tantas coisas, o tipo de coisas que ninguém deveria



dizer à mesa durante o pequeno-almoço. Forço-me a respirar enquanto suprimo um sorriso. Viro-me para me concentrar na comida. Espero não corar.

O Adam debruça-se para o meu ouvido. Sinto o toque delicado do seu fôlego antes mesmo de começar a falar.

— Vocês são nojentos. Sabem isso, não sabem?

Olho, sobressaltada, e vejo o Kenji suspenso entre movimentos, com a colher a meio caminho da boca e a cabeça inclinada na nossa direção. Aponta-nos para as caras com a colher.

— Que raio é isto? Estão a brincar por baixo da mesa ou uma merda dessas?

O Adam afasta-se de mim uns 2 centímetros e suspira profundamente de irritação.

— Se não gostas, podes ir-te embora. — Indica com a cabeça as mesas à nossa volta. — Ninguém te obrigou a vires para aqui.

O Adam faz um esforço para ser simpático com o Kenji. Os 2 eram amigos na base, mas, de alguma forma, o Kenji sabe exatamente como provocar o Adam. Por um momento, quase esqueço que são companheiros de quarto.

Penso como será viverem juntos.

— Sabes muito bem que isso é tretas — diz o Kenji. — Disse-te hoje de manhã que tinha de me sentar com vocês. O Castle quer que vos ajude a *integrarem-se*. — Funga. Vira-se para mim. — Ouve, não percebo o que vês neste tipo — diz —, mas devias tentar viver com ele. O homem é temperamental como o raio.

— Não sou *temperamental*...

— Sim, mano. — O Kenji pousa os talheres. — És *temperamental*. Estás sempre a dizer «cala-te, Kenji», «dorme, Kenji», «ninguém quer ver-te nu, Kenji». Quando sei *perfeitamente* que há milhares de pessoas que adorariam ver-me nu...

— Quanto tempo tens de passar aqui sentado? — O Adam vira a cara e esfrega os olhos com a mão livre.



O Kenji endireita as costas. Pega na colher e volta a apontar com ela.

— *Devias* perceber a sorte que tens por me sentar na vossa mesa. Torno-vos fixes por associação.

Sinto o Adam ficar tenso a meu lado e decido intervir.

— Ei, podemos mudar de assunto?

O Kenji grunhe. Revira os olhos. Enfia outra colherada de pequeno-almoço na boca.

Sinto-me preocupada.

Agora que presto mais atenção, vejo o cansaço nos olhos do Adam, a preocupação na sua testa, o ângulo rígido dos seus olhos. Não consigo evitar pensar no que passará. No que não me dirá. Puxo-lhe um pouco pela mão e vira-se para mim.

— De certeza que estás bem? — sussurro. Sinto que lhe faço a mesma pergunta vezes e vezes sem conta.

O seu olhar fica imediatamente menos severo, parecendo cansado, mas também um pouco divertido. A sua mão solta a minha debaixo da mesa para se pousar no meu colo, para me acariciar a coxa e quase perco o controlo do meu vocabulário antes de me beijar com delicadeza o cabelo. Engulo com demasiada força e quase deixo cair o garfo no chão. Demoro um momento a recordar que não respondeu realmente à minha pergunta. É só quando vira a cara para olhar para a comida que acena com a cabeça e diz:

— Estou bem.

Mas a minha respiração está suspensa e a mão dele continua a desenhar padrões na minha perna.

— Menina Ferrars? Sr. Kent?

Endireito-me tão depressa que bato com os nós dos dedos na mesa ao ouvir a voz do Castle. Há alguma coisa na sua presença que me faz sentir que é meu professor, como se me portasse mal na sua aula. O Adam, por outro lado, não parece nada sobressaltado.

Aperto a mão do Adam enquanto ergo a cabeça.



O Castle está de pé junto à nossa mesa e o Kenji afasta-se para levar a malga à cozinha. Bate com uma mão nas costas do Castle como se fossem velhos amigos e o Castle sorri-lhe com afeto enquanto passa por ele.

— Volto já — diz o Kenji sobre o ombro, virando-se para nos erguer um polegar de entusiasmo excessivo. — Tentem não se despir à frente de toda a gente, está bem? Há crianças aqui.

Encolho-me e olho para o Adam, mas parece estranhamente focado na sua comida. Não disse uma palavra desde que o Castle chegou.

Decido responder pelos dois. Sorrio muito.

— Bom dia.

O Castle acena com a cabeça e toca na lapela do casaco. A sua postura é forte e formal. Sorri-me.

— Vim só dizer olá e ver como estavam. Estou tão feliz por ver que expande o seu círculo de amigos, menina Ferrars.

— Oh. Obrigada. Mas não posso aceitar o mérito pela ideia — refiro. — Foi o Castle quem me disse que me sentasse com o Kenji.

O sorriso do Castle é demasiado tenso.

— Sim. Bom — diz. — Fico feliz por ver que seguiu o meu conselho.

Olho a minha comida por um instante. Coço a testa, distraída. O Adam parece nem respirar. Estou prestes a dizer alguma coisa quando o Castle se antecipa.

— E então, Sr. Kent? — diz. — A menina Ferrars disse-lhe que vai treinar com o Kenji a partir de agora? Espero que a ajude a evoluir.

O Adam não responde.

O Castle continua.

— Na verdade, pensei que poderia ser interessante que também trabalhasse consigo. Desde que seja sob a minha supervisão.

O Adam ergue o olhar. Alarmado.



— O quê? De que está a falar?

— Bom... — O Castle faz uma pausa. Vejo o olhar dele mover-se entre nós. — Pensei que seria interessante fazer alguns testes envolvendo-o a si e a ela. Juntos.

O Adam levanta-se tão depressa que quase bate com o joelho na mesa.

— Nem pensar.

— Sr. Kent... — começa o Castle.

— Não há hipótese *nenhuma*.

— A escolha será dela...

— Não quero discutir isto aqui.

Levanto-me. O Adam parece prestes a pegar fogo a alguma coisa. Tem os punhos fechados de cada lado do corpo, semicerrando os olhos num esgar tenso. Tem a testa franzida e o seu corpo inteiro treme com energia e ansiedade.

— Que se passa? — pergunto.

O Castle abana a cabeça. Não me olha quando fala.

— Quero apenas ver o que acontece quando ela o toca. Só isso.

— É *doido*...

— Isto é por *ela* — continua o Castle, com voz cuidadosa e especialmente calma. — Não tem nada a ver com o seu progresso.

— Qual progresso? — questiono.

— Estamos só a tentar ajudá-la a perceber como afetar organismos que não estão vivos — diz o Castle. — Já percebemos os animais e os humanos... Sabemos que um toque é suficiente. As plantas não parecem nada afetadas pelas suas capacidades. Mas tudo o resto? É... diferente. Ainda não sabe como lidar com essa parte e quero ajudá-la. Isso é tudo o que fazemos — diz. — Ajudamos a menina Ferrars.

O Adam aproxima-se um passo de mim.

— Se a estão a ajudar a perceber como destruir coisas que não estão vivas, porque precisa de mim?



Por um segundo, o Castle parece derrotado.

— Não sei — diz. — A natureza única da vossa relação... é fascinante. Especialmente com tudo o que aprendemos até aqui, é...

— Que aprenderam? — pergunto eu.

— ...inteiramente possível — continua a dizer o Castle — que tudo esteja relacionado de uma forma que ainda não compreendemos bem.

O Adam não parece convencido. Os seus lábios estão pressionados numa linha fina. Parece não querer responder.

O Castle vira-se para mim. Tenta parecer entusiasmado.

— Que lhe parece? Interessada?

— Interessada? — Olho para o Castle. — Nem sequer sei do que falam. E quero saber porque ninguém responde às minhas perguntas. O que descobriu acerca do Adam? — pergunto. — Que se passa? Passa-se alguma coisa? — A respiração do Adam está particularmente acelerada e tenta não dar isso a atender. As suas mãos abrem e fecham-se. — Alguém me diga, por favor, o que se passa.

O Castle franze a testa.

Estuda-me, confuso, franzindo as sobrancelhas.

— Sr. Kent — diz, continuando a olhar-me. — Devo depreender que não partilhou as nossas descobertas com a menina Ferrars?

— Que descobertas? — O meu coração palpita tanto que começa a doer.

— Sr. Kent...

— Não lhe diz respeito — responde o Adam.

— Ela devia *saber*...

— Ainda não sabemos anda!

— Sabemos o suficiente.

— Treta. Ainda não acabámos...

— Falta apenas testar-vos juntos...

O Adam passa diretamente à frente do Castle, pegando no tabuleiro do pequeno-almoço com brusquidão.



— Talvez — diz, com muito, muito cuidado — noutra altura.

Vira-se para partir.

Toco-lhe no braço.

Para. Pousa o tabuleiro e vira-se para mim. Estamos separados por milímetros e quase esqueço que estamos num espaço cheio de gente. O seu hálito está quente e a respiração continua acelerada e o calor do seu corpo derrete o meu sangue, fazendo-o subir às minhas bochechas.

O pânico dá piruetas nos meus ossos.

— Tudo está bem — diz-me. — Tudo vai ficar bem. Prometo.

— Mas...

— Prometo — repete, pegando-me na mão. — Juro. Vou tratar de tudo.

— Tratar de tudo? — Penso que estou a sonhar. Penso que estou a morrer. — Tratar de quê? — Algo parte no meu cérebro e algo acontece sem a minha autorização e estou perdida, tão perdida, está tudo tão confuso e afogo-me na confusão. — Adam, não percebo...

— A sério? — O Kenji regressa para junto de nós. — Vão fazer isso aqui? À frente de toda a gente? Porque estas mesas não são tão confortáveis como parecem...

O Adam afasta-se e choca contra o ombro do Kenji.

— Não.

É tudo o que lhe ouço antes de desaparecer.



SEIS

O Kenji assobia baixo.

O Castle chama o Adam, pedindo-lhe que abrande para poder falar com ele, para poderem discutir as coisas de maneira racional. O Adam nunca olha para trás.

— Disse-te que era temperamental — murmura o Kenji.

— Não é temperamental — ouço-me dizer, mas as palavras parecem-me distantes, desligadas dos meus lábios. Sinto-me dormente, como se os meus braços tivessem ficado ocos.

Onde deixei a minha voz não encontro a minha voz não encontro a minha

— Portanto! Tu e eu, hã? — O Kenji bate com as mãos. — Pronta para levar uma sova?

— Kenji.

— Sim?

— Quero que me leves para onde eles foram.

O Kenji olha-me como se tivesse acabado de lhe pedir para dar um pontapé na própria cara.

— Hum... sim... que tal um caloroso *nem pensar* como resposta a esse pedido? Serve? Para mim, é perfeito.

— Preciso de saber o que se passa. — Viro-me para ele, desesperada, inútil. — Sabes, não sabes? Sabes qual é o problema...

— Claro que sei. — Cruza os braços. Olha-me. — Vivo com aquele pobre coitado e quase mando neste sítio. Sei tudo.



— Então porque não me dizes? Kenji, *por favor...*

— Sim, humm... Vou deixar passar essa oportunidade, mas sabes o que farei? *Vou* ajudar-te a sair deste refeitório onde toda a gente está a ouvir *tudo o que dizemos*. — Esta última parte é dita em voz especialmente alta, olhando em redor e abanando a cabeça. — Voltem para os vossos pequenos-almoços, pessoal. Nada para ver aqui.

É só nesse momento que percebo como dei nas vistas. Todos os olhares no refeitório se fixam em mim. Tento um sorriso fraco e um aceno trémulo antes de permitir que o Kenji me empurre para a saída.

— Não precisas de acenar ao povo, princesa. Não é uma coroação. — Puxa-me para um dos muitos corredores compridos e parcamente iluminados.

— Diz-me o que se passa. — Preciso de pestanejar várias vezes antes de habituar os olhos à luz. — Isto não é justo... Todos sabem o que se passa menos eu.

Encolhe os ombros e encosta-se à parede.

— Não cabe a mim dizer. Gosto de brincar com o tipo, mas não sou um sacana. Pediu-me para não dizer nada. Por isso, não vou dizer nada.

— Mas... ele está bem? Podes dizer-me pelo menos se está bem?

O Kenji passa uma mão sobre os olhos. Expira, irritado. Olha-me. Diz:

— Está bem. Alguma vez viste um desastre ferroviário? — Não espera que responda. — Eu vi um quando era miúdo. Era um daqueles comboios grandes e malucos com um bilião de carruagens umas atrás das outras, todas descarriladas, metade destruídas por uma explosão. Havia merdas em chamas e toda a gente gritava e percebi que *havia* gente morta ou moribunda e não quis olhar, mas era impossível afastar os olhos, percebes? — Acena



com a cabeça. Morde o interior da bochecha. — Isto é mais ou menos assim. O teu rapaz é um maldito desastre ferroviário.

Não sinto as pernas.

— Não sei — continua o Kenji. — Queres a minha opinião? Acho que ele está a exagerar. Acontecem coisas piores, percebes? Bolas, não estamos enterrados até às orelhas em merdas mais malucas? Mas não. O Sr. Adam Kent parece não saber isso. Acho que já nem dorme. E sabes que mais... — acrescenta, aproximando-se. — Acho que o James se começa a passar um bocado com ele e, para ser franco, isso irrita-me porque aquele miúdo é bom demais e fixe demais para ter de lidar com o drama do Adam...

Mas já não o ouço.

Imagino o pior cenário possível, o pior dos desfechos. Coisas horríveis e assustadoras que acabam todas com uma morte miserável do Adam. Estará doente ou terá algum problema terrível ou alguma coisa que o leva a fazer coisas que não consegue controlar ou... oh... Deus, *não*

— Tens de me dizer.

Não reconheço a minha própria voz. O Kenji olha-me, chocado, com olhos arregalados e medo genuíno gravado nas feições e é só nesse momento que percebo que o encostei à parede. Os meus 10 dedos apertam-lhe a camisa, com punhados de tecido em cada mão e consigo apenas imaginar como os seus olhos me veem naquele momento.

A parte mais assustadora é que nem sequer me importo.

— Vais dizer-me *alguma coisa*, Kenji. Tens de dizer. Preciso de saber.

— Tu... humm... — Passa a língua pelos lábios, olha em redor e deixa escapar uma gargalhada nervosa. — Podes soltar-me, talvez?

— Ajudas-me?

Coça atrás da orelha. Encolhe-se um pouco.



— Não?

Faço-o bater com mais força contra a parede, reconhecendo uma descarga de algum tipo de adrenalina desvairada ardendo-me nas veias. É estranho, mas sinto-me como se conseguisse escavar o chão com as mãos nuas.

Parece-me que seria fácil. Tão fácil.

— Está bem... pronto... *bolas*. — O Kenji ergue os braços e respira um pouco mais depressa. — Mas... e se me soltares e eu... humm... te levar ao laboratório?

— O laboratório.

— Sim. É onde fazem os testes. É onde fazemos os testes todos.

— Prometes que me levas se te soltar?

— Vais esborrachar-me os miolos contra a parede se não te levar?

— Provavelmente — minto.

— Então, sim. Levo-te. *Bolas*.

Largo-o e cambaleio para trás, fazendo um esforço para me recompor. Sinto-me um pouco envergonhada depois de o soltar. Uma parte de mim sente que terei exagerado.

— Desculpa — digo-lhe. — Mas obrigada. Aprecio a tua ajuda. — Tento erguer o queixo com alguma dignidade.

O Kenji funga. Olha-me como se não soubesse quem sou, como se não soubesse se deve rir ou aplaudir ou fugir como um raio na direção contrária. Passa a mão pela nuca, mantendo os olhos fixos na minha cara. Não para de me olhar.

— O que foi? — pergunto.

— Quanto pesas?

— Uau. É assim que falas com todas as raparigas que conheces? Isso explica tanta coisa.

— Eu peso setenta e nove quilos — diz. — Tudo músculo.

Olho-o fixamente.

— Queres um prémio?



— Bom, bom, bom — diz ele, inclinando a cabeça, com um indício de sorriso surgindo-lhe na cara. — Vejam só quem é a espertinha, agora.

— Acho que me estás a contagiar — digo-lhe.

Mas deixou de sorrir.

— Ouve — diz. — Não estou a tentar gabar-me por dizer isto, mas conseguiria atirar-te para o outro lado da sala com o dedo mindinho. Pesas menos que nada. Tenho quase o dobro da tua massa corporal. — Hesita. — Como raio conseguiste encostar-me à parede?

— O quê? — Franzo a testa. — Que estás para aí a dizer?

— Digo que *tu* — aponta-me — me encostaste — aponta para si mesmo — à parede. — Aponta a parede.

— Estás a dizer que não conseguias mexer-te? — Pestanejo. — Pensei que fosse só porque tinhas medo de me tocar.

— Não — diz. — A sério que não me conseguia mexer. Mal conseguia respirar.

— Estás a brincar.

— Já tinhas feito isto antes?

— Não. — Abano a cabeça. — Quer dizer, acho que não... — Engasgo-me quando a recordação do Warner e da sua câmara de tortura avança até à primeira linha da minha consciência. Preciso de fechar os olhos para conter a torrente de imagens. A recordação mais ínfima desse acontecimento basta para me deixar insuportavelmente agoniada. Consigo sentir já a pele a cobrir-se de suor frio. O Warner testava-me, tentava pôr-me numa posição em que fosse forçada a usar o meu poder numa criança. Fiquei tão horrorizada, tão furiosa que destruí uma barreira de betão para chegar ao Warner, que esperava do outro lado. Também o *encostei* à parede. Só que não percebi que era a minha força a imobilizá-lo. Pensei que não se tivesse mexido porque estava demasiado próxima de lhe tocar.



Acho que estava enganada.

— Sim — diz o Kenji, indicando com a cabeça algo que veria na minha cara. — Bom. É o que pensava. Teremos de recordar este pormenor sumarento quando começarmos as nossas sessões de treino a sério. — Fixa em mim um olhar cheio de significado. — Quando isso acontecer.

Aceno com a cabeça sem prestar realmente atenção.

— Sim. Claro. Mas, antes disso, leva-me ao laboratório.

O Kenji suspira. Acena com a mão com uma vénia e um floreado cerimonioso.

— Depois de ti, princesa.




A MINHA ESPERANÇA É INQUEBRÁVEL. ~~MAS ATÉ QUANDO?~~

Juliette consegue escapar aos planos do Restabelecimento e refugia-se no Ponto Ómega, o quartel-general da resistência. Aqui, escondem-se pessoas como ela, com poderes extraordinários.

Juliette acredita que poderá ser livre para estar com Adam, o único que consegue sobreviver ao seu toque letal.

Mas é então que ela percebe que não pode escapar ao seu dom mortífero... nem a Warner, o seu antigo captor, que a deseja mais do que ela imagina...



**A continuação da apaixonante saga
Shatter Me, onde um romance obsessivo
está no centro de uma narrativa
explosiva de fazer parar o coração.**



Penguin
Random House
Grupo Editorial

seekthebutterfly.pt
[secretsocietypt](https://www.instagram.com/secretsocietypt)
[#seekthebutterfly](https://www.facebook.com/seekthebutterfly)

ISBN 9789895834013



9 789895 834013 >

